

GÊNERO E PODER NO CIBERESPAÇO: A DINÂMICA DO ASSÉDIO SEXUAL CONTRA ESTUDANTES DO SEXO FEMININO NAS REDES SOCIAIS ONLINE

Arienny Carina Ramos Souza

Graduanda em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Pará

Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

arienny.carina@gmail.com

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar

Doutor em Sociologia e Antropologia

Orientador EBTT do Instituto Federal do Pará

breno.alencar@ifpa.edu.br

IFPA¹

RESUMO

Neste trabalho expomos os resultados do projeto de iniciação científica intitulado "Gênero e poder no ciberespaço: a dinâmica do assédio sexual contra estudantes do sexo feminino nas redes sociais online do Instituto Federal do Pará, Campus Belém²". Por meio dele, investigamos a dinâmica do assédio sexual, buscando identificar padrões comportamentais e fatores sociais que contribuem para essa prática nas redes sociais. Para tanto, foram utilizados métodos exploratórios, como revisão de literatura, análise de denúncias de assédio sexual publicadas na imprensa brasileira e na página do Facebook "Meu Professor Abusador" entre 2016 e 2024, além de recrutamento de participantes para entrevistas. Os resultados obtidos revelam que o ciberespaço atua como meio para a perpetuação de padrões históricos de dominação e poder entre os gêneros, contribuindo para o estímulo de práticas de assédio sexual entre professores e alunas.

Palavras-chave: Gênero; Assédio; Dominação; Professor; Redes sociais.

¹Endereço: Av. Alm. Barroso, 1155 - Marco, Belém - PA, 66093-020. Telefone: (91) 3342-0578. E-mail: gabinete.reitoria@ifpa.edu.br

² Projeto de pesquisa aprovado por meio do edital n° 06/2023 - PIBICTI/PROPPG/IFPA/CNPq do Instituto Federal do Pará, Campus Belém.

1. INTRODUÇÃO

Conforme estipulado pela Lei n. 10.224, de 15 de maio de 2001, do Código Penal brasileiro, o assédio sexual configura-se como um crime que envolve a coerção de alguém visando obter favorecimento sexual, aproveitando-se de uma posição hierárquica superior. Este tipo de violência afeta predominantemente as mulheres, refletindo um paradigma essencialmente androcentrista, onde concepções conservadoras, moralistas e machistas são enaltecidas em detrimento da feminilidade (Lins; Machado; Escoura, 2016). É frequente identificar casos de assédio sexual perpetrados por professores no ambiente acadêmico; contudo, observa-se que essa problemática não recebe a devida atenção da sociedade, especialmente das instituições de ensino. Isso se deve, em grande parte, à existência de uma cultura sexista nesses espaços educacionais, que favorece a ocorrência do assédio.

Diante disso, nasceu a necessidade de compreender como a violência de gênero se dissemina por meio das tecnologias digitais, especialmente no que concerne ao assédio sexual contra mulheres usuárias do ciberespaço, e como essa problemática se manifesta na dinâmica hierárquica entre professores e alunas. Sob esse viés, este trabalho o objeto de estudo “assédio sexual online” praticado contra estudantes do sexo feminino no Instituto Federal do Pará (IFPA), campus Belém.

O interesse por este tema tem como origem relatos, denúncias e discussões realizados por bolsistas de iniciação científica do Núcleo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Cultura, Educação e Política – GICEP/IFPA) a partir de projetos de pesquisas que abordam processos de mediatização (Alencar e Souza, 2020), tecnologias digitais de informação e comunicação aplicadas ao ensino (Alencar *et al.*, 2021) e cibercultura e mídias sociais (Alencar, Dias e Barbatovci-Oliveira, 2022; Alencar *et al.*, 2022), cujas leituras e reflexões ensejaram questionamentos sobre suas próprias trajetórias como mulheres frequentadoras do ciberespaço.

Os processos administrativos sem resolução envolvendo professores acusados de assédio sexual na instituição de ensino (ver Quadro 1) também foram um dos principais motivadores para a realização desta pesquisa. Ademais, o protesto organizado pelos estudantes contra o assédio sexual, ocorrido na manhã do dia 14 de setembro de 2022, que resultou na interrupção do tráfego da Avenida Almirante Barroso, principal avenida da cidade de Belém, teve um impacto significativo sobre

todos os membros da comunidade acadêmica. O caso ganhou repercussão e foi documentado em uma matéria pelo jornal O Liberal (2022). De acordo com os relatos, o propósito do protesto era dar visibilidade às denúncias de estupro praticado por um professor de Química em duas ocasiões contra a mesma estudante.

Quadro 1 – Processos de Assédio Sexual no Instituto Federal do Pará por ano, campus e status (2015-2023).

ANO	CAMPUS	STATUS
2015	Conceição do Araguaia	Ativo
2016	Belém	Ativo
2017	Belém	Ativo
2018	Abaetetuba	Demissão de servidor
2018	Abaetetuba	Suspensão de servidor
2018	Parauapebas	Ativo
2022	Marabá Industrial	Ativo
2022	Castanhal	Ativo
2022	Ananindeua	Ativo
2023	Óbidos	Ativo
2023	Marabá Industrial	Ativo

Fonte: Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (SIPAC/IFPA).

Para a execução desta pesquisa quali e quantitativa recorreremos às estratégias metodológicas presentes em manuais como os de Minayo (2009), Strauss e Corbin (2008), Severino (2013) e Marconi e Lakatos (2003), bem como os protocolos de cuidados previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Investigar e compreender a dinâmica do assédio sexual praticada contra estudantes do sexo feminino do Instituto Federal do Pará, campus Belém, no ciberespaço, mais especificamente nas redes sociais online.

2.2 Específicos

- Revisar a literatura que aborda o assédio sexual online no ambiente escolar;

- Identificar o perfil socioeconômico das vítimas de assédio sexual on-line no IFPA, campus Belém;
- Identificar padrões de comportamento presentes no assédio sexual online a partir de casos observados na página do Facebook “Meu Professor Abusador”, bem como na imprensa brasileira;
- Investigar os fatores que contribuem para o assédio sexual online, incluindo os fatores individuais, sociais, culturais e institucionais que possam favorecer sua ocorrência;
- Desenvolver uma cartilha instrucional para prevenir e enfrentar o assédio sexual online, incluindo estratégias para aumentar a conscientização, promover interações online respeitosas e seguras.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A realização de uma pesquisa sobre assédio sexual online exige um planejamento cuidadoso e atencioso as considerações éticas. Por essa razão, o estudo adotou uma metodologia que reúne diferentes estratégias de abordagem da temática, recrutamento das participantes e coleta e análise de dados primários e secundários. Em suma, devido à escassez de literatura acadêmica sobre o assunto foi abordado a metodologia exploratória de pesquisa científica.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na revisão sistemática da literatura que abordou o fenômeno do assédio sexual online, adotando como procedimentos metodológicos aqueles preconizados por Goldenberg, segundo a qual

A leitura da bibliografia deve ser um exercício de crítica, na qual devem ser destacadas as categorias centrais usadas pelos diferentes autores. Este é um exercício de compreensão fundamental para a definição da posição que o pesquisador irá adotar. (Goldenberg, 2004, p. 79-80).

Trata-se, portanto, de um procedimento indispensável a pesquisa, uma vez que possibilita mapear a produção acadêmica em torno do objeto investigado, impedindo, assim, a repetição de esforços, a “descoberta” de ideias já expressas e a inclusão de “lugares-comuns” no trabalho (Marconi e Lakatos, 2003, p. 225).

A segunda etapa da pesquisa consistiu na análise de casos de assédio sexual online cometidos por professores contra alunas no ambiente escolar,

relatados pela imprensa brasileira. O objetivo foi identificar os perfis comportamentais dos assediadores e também a faixa etária, o nível de escolaridade e a classe socioeconômica das estudantes assediadas. Nesta mesma fase, foram também analisados relatos de assédio sexual publicados na página do Facebook “Meu Professor Abusador³”, com foco nos episódios de assédio ocorridos nas redes sociais. A partir dessa página, 12 casos de assédio sexual online foram selecionados para estudo, e esses relatos foram analisados discursivamente para compreender o *modus operandi* dos assediadores, e os rituais socioantropológicos associados à prática do assédio no ciberespaço contra mulheres.

A terceira etapa da pesquisa consistiu no recrutamento de alunas do IFPA, Campus Belém, interessadas em contribuir com o estudo por meio do compartilhamento de suas experiências de assédio sexual. Esse procedimento foi conduzido através da aplicação de um formulário eletrônico *Google Forms*, contendo 12 perguntas, com o objetivo de identificar a faixa etária, o nível de ensino das estudantes, autodeclaração racial e classe socioeconômica, além de averiguar quais comportamentos eram percebidos como assédio sexual nas redes sociais, em quais plataformas digitais ocorreram os episódios de assédio online e quem foram os responsáveis no IFPA/Campus Belém pelo constrangimento online. No total, o formulário obteve 22 respostas ao longo da pesquisa. O formulário foi aplicado em turmas do ensino médio integrado e subsequente, nos cursos técnicos de Agrimensura, Eletrotécnica e Química, além de turmas de graduação em Letras (Português) e História, do IFPA, Campus Belém. O mesmo permaneceu acessível para respostas durante o período de outubro de 2023 a abril de 2024. Tal medida metodológica visava avaliar as evidências levantadas na pesquisa, particularmente no que diz respeito aos padrões comportamentais dos assediadores na internet. O recrutamento das alunas aconteceu de maneira direta, a partir da rede de contato da bolsista vigente do Núcleo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (NUPEC), do IFPA, campus Belém, do qual este projeto se originou.

A última etapa da pesquisa foi destinada a análise de entrevistas semiestruturadas, que tiveram lugar logo após sua coleta, transcrição, compilação e arquivamento em software (banco de dados) seguro (preferencialmente, planilha

³ A página online "Meu Professor Abusador" foi criada em 2016 por estudantes do curso de Letras da UFRGS e reúne mais de 600 relatos acerca de episódios de assédio sexual cometidos por docentes, tanto em contextos presenciais, quanto no ambiente virtual.

Excel). Ressalta-se que o uso da entrevista guiada com base em questionário semiestruturado é considerado por diversos autores como a melhor estratégia de pesquisa em casos em que o tema não só é subjetivamente complexo, como pode envolver angústias e traumas pessoais. Neste sentido, Minayo (2009) considera que a técnica de entrevista oferece a vantagem de fornecer dados primários a partir do diálogo com o indivíduo e as reflexões (crenças, opiniões, valores) sobre a realidade que vivencia. Goldenberg (2004), por sua vez, reconhece na entrevista, dentre outras vantagens, maior flexibilidade para garantir a resposta desejada, a observação sobre o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições, e uma maior profundidade em temas complexos e que envolvem sentimentos e emoções.

Este procedimento, contudo, reconhece riscos em sua realização. Por essa razão a aplicação do questionário e o convite para a entrevista, foi precedida de autorização de comitê de ética independente e seguiu protocolos de cuidados preconizados pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

É fundamental destacar que todas as entrevistas foram conduzidas, analisadas e discutidas à luz da teoria antropológica exclusivamente pela bolsista responsável pelo projeto, sem a participação do professor orientador nesse estágio. Considerando a vulnerabilidade inerente ao tema abordado, que diz respeito às alunas assediadas, decidiu-se não incluir o orientador nas entrevistas, a fim de evitar possíveis constrangimentos ou temores por parte das discentes, dado que o mesmo ocupa a posição de professor no IFPA, campus Belém. Contudo, todas as etapas do processo foram discutidas pelo orientador previamente com a bolsista, que recebeu treinamento para garantir uma condução adequada das entrevistas.

Para a análise dos dados empíricos obtidos neste estudo, torna-se pertinente a apresentação de um quadro informativo (ver Quadro 2) que sintetiza o perfil pessoal das participantes da entrevista. Cabe destacar que, visando preservar o anonimato das interlocutoras, foram utilizados nomes fictícios na apresentação dos resultados. Todas as entrevistas foram realizadas no mês de agosto de 2024, sendo conduzidas de forma virtual, por meio da plataforma Google Meet, ou de modo presencial, na Sala de Projetos do Núcleo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (NUPEC), localizada no IFPA, Campus Belém.

Quadro 2 – Perfil Pessoal das Interlocutoras da Entrevista.

	Codínomes	Idade	Estado Civil	Raça/Cor	Renda Familiar	Nível de Ensino	Local Entrevista
1	Joana	25	Solteira	Preta	1 a 2 salários mínimos	Graduação	Google Meet
2	Judith	22	Solteira	Preta	1 a 2 salários mínimos	Graduação	Google Meet
3	Marilyn	21	Casada	Parda	1 a 2 salários mínimos	Técnico Subsequente	IFPA, campus Belém

Fonte: Autores, 2024.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Continuidades históricas: o assédio sexual como expressão de controle de gênero

De acordo com Scott (1989), a utilização da linguagem e do discurso na construção das identidades de gênero transcende sua função como mero meio de expressão humano, constituindo-se também nos veículos através dos quais as normas de gênero são disseminadas, internalizadas e perpetuadas. No âmbito das categorias históricas de gênero, a linguagem assume um papel crucial ao reforçar estereótipos presentes nos discursos sociais, sejam eles oriundos da mídia, política, religião ou outros contextos sociais, contribuindo assim para a manutenção e criação de símbolos específicos que delineiam como homens e mulheres devem se comportar, vestir e se expressar. Essas normas, transmitidas discursivamente, moldam nossa compreensão acerca da identidade de gênero, permeando as esferas culturais, literárias, midiáticas e conversacionais do cotidiano.

A perspectiva de gênero revela que o universo feminino está inserido no âmbito masculino, sendo este último responsável por sua criação e regulação. Isso decorre do patriarcado arraigado nas relações sociais entre homens e mulheres, onde os homens constroem símbolos que delineiam o que uma mulher precisa reproduzir para ser aceita como sujeito dotado de vagina, em um contexto patriarcal (Scott, 1989). O gênero, nesse contexto, é concebido como uma categoria social imposta aos corpos sexuados, identificados e definidos como masculinos e femininos com base em sua genitália (Heilborn, 2004, p. 19). Destaca-se que o

gênero transcende sua manifestação puramente biológica e se configura como uma construção cultural, conferindo significados e expectativas aos corpos sexuados, particularmente no que tange à representação de ser mulher ou homem em uma sociedade patriarcal.

Dessa forma, o assédio sexual está intrinsecamente ligado às questões de gênero e à construção social das identidades feminina e masculina. O assédio é concebido como uma forma de expressão do poder e controle, onde os assediadores buscam afirmar sua dominância. Essa dinâmica opressora reflete o poder sustentado por sociedades patriarcais, nas quais as normas de gênero e o controle sobre o corpo feminino são empregados como método para manter a hierarquia social entre os gêneros. O assédio sexual praticado por professores homens frequentemente reflete e perpetua essas normas hierárquicas estabelecidas pela sociedade. Para exemplificar, comportamentos de assédio frequentemente se baseiam em estereótipos femininos, objetificação sexual, orientação sexual, relações étnicas e normas de conduta socialmente oprimidas. Isso evidencia como a linguagem instituída no gênero contribui para a aceitação e reprodução do assédio. Segundo Bourdieu (1998), as relações de dominação entre os gêneros são simbólicas, sendo a linguagem uma das principais ferramentas utilizadas para a prática da dominação, veiculando relações de poder enraizadas em uma sociedade androcêntrica.

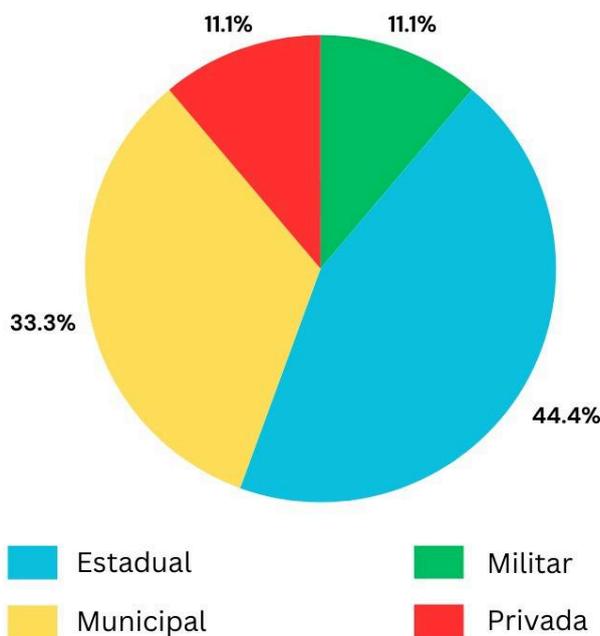
A partir disso, entende-se a dinâmica do assédio sexual perpetrado por professores homens no ciberespaço e os padrões subjacentes que contribuem para sua ocorrência. Nesse sentido, a pesquisa analisou as relações de poder presentes nas denúncias de assédio sexual encontradas em relatos da imprensa brasileira sobre o tema, bem como na página do Facebook "Meu Professor Abusador".

Os resultados revelaram a existência de um cenário ritualístico no comportamento dos assediadores ao estabelecerem contato com as vítimas, na qual o processo de assédio se inicia por meio do envio de mensagens com interesse sexual, reações à stories/status com emojis que simbolizavam excitação sexual e interações constrangedoras nas redes sociais das estudantes, visando posteriormente consumir o assédio sexual fisicamente. A partir do primeiro contato com a vítima selecionada na internet/redes sociais, o professor procura persuadir a aluna a aceitar presentes, convites para sair em troca de benefícios acadêmicos,

com o objetivo de estreitar o vínculo afetivo e obter a confiança da aluna para favorecimento sexual.

Ademais, foi possível identificar que as estudantes mais assediadas tinham aproximadamente 15 anos de idade e pertencentes às escolas públicas do ensino básico (ver Gráfico 1). Tal relação foi identificada a partir da análise discursiva das denúncias, conforme o modelo de Maingueneau (2015), que correlaciona a estrutura dos textos, em suas diversas formas, aos contextos sociais que os tornam possíveis e que, por sua vez, são por eles possibilitados. As análises realizadas revelaram um ambiente marcado pela hostilidade, constrangimento e desrespeito.

Gráfico 1: Porcentagem das escolas onde os casos de assédio aconteceram.



Fonte: Autores, 2023.

4.3. Assédio sexual online contra alunas no Instituto Federal do Pará, campus Belém

Em relação aos resultados advindos do formulário *Google Forms* aplicado nas turmas de ensino médio e graduação do IFPA/Campus Belém, apontaram que a maioria dos casos envolveu alunas do ensino médio integrado, com idade média de aproximadamente 18 anos. Predominantemente, estas estudantes apresentavam

traços fenotípicos pardos ou negros e eram pertencentes a estratos socioeconômicos vulneráveis.

Além disso, foi pertinente estudar os comportamentos considerados como assédio sexual online por essas estudantes, com o propósito de compreender a mentalidade das estudantes do sexo feminino em relação ao que constitui violência sexual perpetrada por um docente e para delinear a metodologia empregada pelo assediador em se comunicar com a vítima. Essas indagações revelaram que a maioria dos assediadores atuava em plataformas de redes sociais online, utilizando-se do envio de mensagens constrangedoras com cunho sexual, convites invasivos tais como chamar para encontros, oferecer caronas incessantemente e etc. Além de elogios nos *chats* das discentes, de maneira predominante. Adicionalmente, verificou-se a ocorrência de comentários inadequados de teor sexual nas publicações das alunas por parte dos assediadores, corroborando, assim, o fenômeno do assédio sexual online.

Por outro lado, ao analisar os agentes envolvidos nos casos de assédio sexual nas redes, os resultados revelaram uma dinâmica um pouco distinta, destacando que a maioria dos assediadores era composta por professores, seguido pelos estudantes do sexo masculino da própria instituição de ensino, que representavam o segundo maior contingente de registros.

Sob esse viés, o assédio se mostrou como uma faceta integrante da construção da identidade masculina. Portanto, os homens sentem a necessidade de perpetrar o assédio como meio de afirmar sua posição de poder, refletindo a estética associada à virilidade masculina e à autoridade que essa categoria confere a esses indivíduos. A masculinidade, assim, é intrinsecamente ligada à prática do assédio, como evidenciado pelos resultados da pesquisa que apontam para uma prevalência significativa de assédio entre professores e estudantes do sexo masculino dentro do ambiente institucional.

A existência de uma dominação masculina manifesta-se de forma difusa e reproduzível, de modo que sua legitimidade é internalizada pela atual geração, que se utiliza desse conhecimento para preservar seu status e poder. O assédio às mulheres implica em perpetuar uma estética de poder dentro de uma estrutura social centrada no homem, na qual os homens buscam a normalização da violência de gênero entre os novos integrantes, os quais estão em processo de aprendizado e aspiram à masculinidade dominante. Portanto, quando um professor assedia sem

receios de punição, é porque ele compreende e reconhece que seus próprios estudantes do sexo masculino endossam suas ações e esperam replicá-las no futuro (ou presente); os alunos do sexo masculino almejam essa performance de poder entre os gêneros (Strathern, 2006).

Dessa forma, constatou-se uma concordância entre os resultados obtidos e as análises oriundas do levantamento realizado na mídia impressa e na página do Facebook “Meu Professor Abusador”. A congruência sugere a possível existência de um perfil específico entre as alunas mais suscetíveis ao assédio sexual. Em particular, aquelas que compartilham vivências e características fenotípicas marginalizadas pela sociedade patriarcal, como estudantes de pele parda ou negra e pertencentes a estratos socioeconômicos menos favorecidos, emergem como alvos privilegiados para a reprodução de violências simbólicas de gênero.

Os assediadores, provavelmente homens brancos, heterossexuais e provenientes de camadas socioeconômicas estáveis, parecem explorar esses padrões históricos de opressão para perpetrar violências de gênero, aparentemente sem receio de enfrentar sanções por parte das instâncias responsáveis das instituições de ensino. Experiências dessa natureza encontram-se documentadas nos relatos presentes na página do Facebook e nos casos reportados pela mídia impressa nacional.

4.4. Entre a teoria e o cotidiano: assédio sexual online no Instituto Federal do Pará, campus Belém

O desafio inicial de compreender as dinâmicas do assédio sexual online no IFPA residiu na dificuldade de encontrar mulheres dispostas a participar da pesquisa. Em estudos anteriores, observei uma resistência significativa em fornecer dados sobre o tema, o que era paradoxal, considerando a frequência com que boatos e relatos de assédio circulavam na instituição. Identifiquei que essa resistência está relacionada a uma dimensão mais profunda, na qual as mulheres relutam em discutir assédio sexual devido à complexidade e à vulnerabilidade que essa exposição implica, além da impunidade presente em casos de assédio na instituição. A abordagem desse tema, frequentemente considerado “tabu” revela-se particularmente desafiadora, exigindo sensibilidade na investigação. Esta reflexão emergiu à medida que enfrentei, na prática, as dificuldades e inseguranças manifestadas pelas entrevistadas.

Destaca-se que os resultados das entrevistas foram organizados em seções temáticas, com o propósito de proporcionar uma análise crítica e aprofundada dos códigos presentes nos rituais que caracterizam o assédio sexual online. Segundo Bardin (1994), a repetição e a frequência de uma determinada expressão moldam o significado do discurso, além de definir a natureza e a tipologia da comunicação entre os membros de um grupo.

4.4.1. Proposições sobre o poder

As entrevistas evidenciaram a existência de dinâmicas de poder em que a posição do professor é percebida como um lugar legitimado para o acesso à intimidade e ao corpo feminino. Considerando a posição social do docente em uma instituição acadêmica, é pertinente observar que essa posição é historicamente permeada por uma cultura de machismo e poder entre gêneros. No caso do IFPA, diversos casos de assédio sexual foram expostos na instituição entre os anos de 2015 a 2023, e não receberam as devidas medidas de resolução, como exoneração ou suspensão das atividades acadêmicas dos professores envolvidos. Essa falta de ação efetiva confere, de maneira direta ou indireta, um caráter de impunidade aos casos de assédio, uma vez que a própria instituição tende a subestimar a gravidade dessas denúncias, evidenciando uma aparente desconsideração em mitigar essa problemática recorrente no IFPA.

É nítido essa relação hierárquica e abusiva no discurso de Judith, que afirma: "A gente falava sobre notas, sobre tarefas que eu precisava fazer, sobre burocracias do curso. E em alguns momentos ele se aproveitava que eu precisava falar com ele pra mandar mensagem e praticar condutas de assédio" (Judith, 2024), o mesmo também pode ser observado no relato de Joana "Eu precisava ter o WhatsApp desse professor, porque eu tinha que mandar mensagem perguntando as coisas, dúvidas da aula e tudo mais sobre a disciplina que ele dava" (Joana, 2024).

Diversos momentos, foi possível observar que as jovens não apenas demonstravam receio de comentar sobre o assédio sofrido por parte dos professores, mas também temiam que a confidência se espalhasse pela instituição, o que poderia levar o professor acusado a descobrir e praticar represálias contra elas.

Bourdieu (1998) explica que a violência simbólica manifesta-se na forma mais sutil de opressão ao ser: uma modalidade invisível e psicológica, perpetuada pela

linguagem que sustenta as relações patriarcais. Assim, em diversos momentos, as vítimas demonstraram desconforto ao rememorar os sentimentos vinculados aos episódios de assédio.

Durante a entrevista presencial que realizei com Judith, observei sinais de descontentamento em suas expressões faciais ao relatar essas experiências constrangedoras. A interlocutora Joana retrata sobre: "Uma forma que impacta nosso ser, impacta nosso psicológico" (Joana, 2024), também reflete no discurso impactante de Marilyn que diz: "Eu falo que ele [professor] tirou o meu direito de estudar, eu não estudei no IF" (Marilyn, 2024).

4.4.2. Assédio sexual online

Nas entrevistas, foi possível identificar o fenômeno do assédio sexual, que constitui o foco central desta pesquisa, manifestando-se de forma concreta. Em diversos momentos, registrei relatos de mulheres descrevendo em detalhes as mensagens enviadas pelos professores assediadores através de redes sociais, com destaque para o WhatsApp. No entanto, algumas iniciativas de assédio também ocorreram no Instagram, possivelmente em função das fotos postadas nos perfis pessoais dessas mulheres, algo que muitos homens podem interpretar como um convite ao corpo feminino ou até mesmo como uma tentativa de provocação sexual.

Durante a pesquisa, observou-se que o *modus operandi* do assédio via internet manifestava-se por meio de interações específicas previamente identificadas e analisadas, como mandar mensagens com interesse sexual, reagir à stories/status com emojis que simbolizavam excitação sexual, a prática de curtir diversas fotos nas quais as mulheres exibiam seus corpos de maneira proeminente. Um aspecto particularmente analisado com rigor foi a abordagem inicial do professor à vítima por meio do WhatsApp, com a proposta de proporcionar benefícios acadêmicos/materiais em troca de favores sexuais.

Essa conduta é marcada pela entrevistada Marilyn, na qual relata:

Ele iniciava a conversa falando que era sobre uma bolsa que ele queria me dar, uma bolsa de pesquisa científica [...] Porque isso era uma coisa que eu sempre quis ser [bolsista] desde antes de entrar no IF [...] Mas na grande maioria das vezes ele pedia pra eu tirar minha

roupa e ficar me tocando na frente dele, tocar nos seios, minha bunda, essas coisas (Marilyn, 2024).

Ela (Marilyn) ainda destaca: "Ele [professor] falava assim pra mim "beijo na sua boca", ou então "beijo na sua coxa" no seu pescoço" [...] Narrava o que ele queria fazer comigo pelas mensagens" (Marilyn, 2024).

O ponto abordado por Marilyn, referente à necessidade de uma bolsa ou, como ela própria define, ao fato de ser "seu sonho", foi particularmente comovente durante a entrevista. Nesse discurso, evidencia-se claramente a vulnerabilidade socioeconômica da discente e o poder do docente em reconhecer essa dificuldade para persuadi-la com um requisito acadêmico que tem grande relevância entre os alunos da instituição. Classifico essa passagem da interlocutora como uma manifestação da estética do assédio sexual, expressa através da performance do ato ilícito do professor. Destaco a análise de Strathern (2006), que examina a troca simbólica de presentes entre os povos melanésios, apontando que a forma assumida dessa troca correspondia à dominação semiótica de um determinado contexto social hierárquico.

Este foi um dos casos mais complexos a serem analisados. Após relatar o ocorrido, Marilyn descreveu episódios de estupros perpetrados pelo mesmo professor que a assediava por meio do WhatsApp, durante o período em que ela era aluna do curso técnico subsequente em Química no IFPA, Campus Belém.

Outra interlocutora, Judith, também destaca a ocorrência explícita de assédio online, evidenciado em seu relato:

Porque no meu caso, o professor utilizava as redes sociais, os números de WhatsApp das alunas pra entrar em contato, pra falar sobre alguma atividade do curso [...] Só que no meu caso, ele manipulava essas informações em prol de praticar algum tipo de abuso sexual com as pessoas e comigo (Judith, 2024).

As entrevistadas relataram que os professores frequentemente utilizavam o WhatsApp para iniciar diálogos sobre assuntos triviais relacionados ao curso e à vida pessoal das estudantes. Posteriormente, essas interações evoluíam para conversas com conotação sexual, demonstrando uma expectativa implícita de

reciprocidade por parte das estudantes em relação a desejos amorosos/sexuais dos assediadores.

A análise desses relatos revelou um padrão comportamental ritualizado, caracterizado pela dissociação inicial do conteúdo sexual, cujo objetivo parece ser o de desorientar a vítima, dificultando a percepção de que está sendo submetida a uma violência sexual, ou que poderá vir a ser. Essa dissociação discursiva nas interações é uma manifestação de violência simbólica, na qual a contradição intencional do discurso busca fazer com que a vítima aceite passar por essas situações constrangedoras, ao não reconhecer a manipulação em curso.

Esse fenômeno é ilustrado nos trechos:

"Inicialmente parecia ser bem inocente, parecia ser só uma reação nos stories e tudo mais. Até chegar ao ponto de ter mensagens mais constrangedoras [...] Ao ponto de eu receber um semi-nudes [foto seminua] desse professor, de forma gratuita" (Joana, 2024).

"A minha experiência não se inicia com abuso explícito [...] É algo que pode transmitir insegurança, algo que seja invasivo. Porque no meu caso, o professor utilizava as redes sociais, pra falar alguma atividade do curso. Mas ele manipulava essas informações para coisas sexuais" (Judith, 2024).

"No meu caso, é um pouco mais difícil de entender porque não eram só mensagens invasivas, eram muitas mensagens pra saber da minha vida antes de tudo começar [...] Acabou se tornando uma perseguição, muitas mensagens, muitas chamadas de vídeo, muitas ligações [...] Ele começou a ser um stalker mesmo na minha vida" (Marilyn, 2024).

Em outro momento, perguntei às interlocutoras sobre a ocorrência de assédio sexual fora do ambiente digital, questionando se elas haviam testemunhado alguma situação de natureza hostil envolvendo professores do IFPA durante as aulas, intervalos ou atividades acadêmicas. Os resultados mostraram-se consistentes com o processo ritualístico do assediador, no qual o assédio inicia-se nas redes sociais e culmina no ambiente offline. As três estudantes entrevistadas relataram episódios violentos ocorridos após o contato online.

A entrevistada Judith comentou que "Ocorreu uma tentativa de assédio sexual físico após essas condutas estranhas que eu tive no meu WhatsApp. Só que elas só foram feitas a partir de muitas condutas estranhas feitas no digital" (Judith, 2024). Joana também argumentou: "Ele me convidava pra sair, convidava pra me dar carona depois da faculdade, mas eu nunca aceitei. Sempre fiquei muito nessa questão de ficar na minha e dar cortes, só que eram constantes [assédio]." (Joana, 2024). Marilyn também acrescenta: "Houve três vezes que ele me estuprou" (Marilyn, 2024).

Durante o relato de Marilyn sobre as numerosas ocasiões em que foi assediada nas redes sociais, percebi o tremor em sua voz ao relembrar os acontecimentos, e a estudante acabou chorando copiosamente durante a entrevista. A condução da entrevista foi interrompida para que ela pudesse se recompor antes de prosseguir com as perguntas relacionadas ao caso. No que diz respeito a Judith, ela optou por não comentar sobre os episódios ocorridos presencialmente no IFPA, possivelmente por receio de sofrer algum tipo de punição institucional, uma vez que, constantemente, questionava-me sobre a segurança de relatar tais condutas.

Um aspecto que emergiu nos relatos de Joana, e que particularmente me chamou a atenção, foi sua observação de que o professor sentia-se mais à vontade para abordar temas de cunho sexual com ela no ambiente virtual. Em consonância, Judith relatou que, após diversas situações constrangedoras na esfera digital, o professor adquiriu a "coragem" necessária, como ela cita, para perpetrar o assédio físico contra ela.

Esses relatos evidenciam que a tecnologia atua não apenas como facilitadora da violência de gênero, mas também como um precursor desse comportamento no ambiente offline, funcionando como um acesso ao corpo feminino. Esse fenômeno pode ser identificado nas narrativas de Joana e Judith, que demonstram: "Nas redes sociais ele [professor] sentia uma liberdade pra poder fazer aquilo que pessoalmente ele não tinha coragem" (Joana, 2024).

"Essa é uma interpretação minha, sinto que esse professor tomou coragem pra fazer algo físico comigo, ter uma tentativa de algo físico, após ele [professor] fazer condutas constrangedoras várias vezes no meu WhatsApp" (Judith, 2024).

4.4.3. Sentimentos e reações institucionais

Dada a delicadeza da situação, investiguei os sentimentos experimentados pelas participantes nessas circunstâncias, com o intuito de analisar antropologicamente a relação entre a subordinação feminina, enraizada no patriarcado, e sua manifestação no assédio masculino. Além disso, pretendia examinar a resposta do IFPA às acusações e a forma como a instituição lidou com as queixas contra professores. O objetivo era compreender empiricamente a persistência da cultura do assédio dentro da instituição.

Iniciei este painel investigativo questionando quais sensações, emoções ou sentimentos as estudantes experienciaram ao vivenciarem essa situação. Os resultados indicaram que os sentimentos predominantes associados ao assédio online foram descritos com as palavras “constrangida”, “incapacidade”, “envergonhada”, “invadida”, “ódio” e “impunidade”.

Adicionalmente, indaguei se as entrevistadas haviam formalizado denúncias contra o acusado junto à instituição. Os dados revelaram que a maioria não apresentou denúncias. Entre as três interlocutoras, apenas uma efetuou a denúncia, porém não obteve resposta institucional.

Nos discursos das três interlocutoras, observei uma percepção marcante de impunidade ao descreverem seus relatos de denúncias mal sucedidas no instituto. Essa questão é evidenciada na fala de Joana, que afirma:

O assédio sexual no IFPA é uma cultura, uma cultura que a gente sabe como é que funciona. Tiveram muitos casos de alunas que denunciaram os professores e eu presenciei [...] Que reclamaram para a administração e não aconteceu nada. Então, isso fez com que eu me sentisse um pouco coagida (Joana, 2024).

E nas palavras de Judith, ao mencionar:

Eu relatei o acontecido pra três colegas, uma vez só. Só que é sempre uma situação que pode dar problema pra gente, que não é muito bom falar sobre essas coisas, porque a gente pode se prejudicar pelo fato da gente não ser ouvida ou não acreditar na gente. Então nós [alunas] preferimos deixar isso por debaixo dos panos (Judith, 2024).

Adicionalmente, ao questionar as entrevistadas sobre as reações dos professores envolvidos, uma delas, Marilyn, relatou que o docente frequentemente a ridicularizava ao mencionar a possibilidade de denunciar os assédios à direção do IFPA, afirmando que nada seria feito e que as consequências seriam desfavoráveis para a discente. Esse aspecto evidencia a perpetuação de uma cultura sexista, conforme Marilyn descreve com pesar sobre seu assediador:

Eu tinha que fazer o que ele [professor] queria, porque se eu não fizesse ele [professor] iria falar para todo mundo que eu era uma puta, coisas assim. E com isso, em nenhuma instituição algum professor iria querer me ajudar ou então querer aceitar uma pesquisa científica minha (Marilyn, 2024).

Em vários momentos, a estudante demonstrava receio de comprometer sua reputação acadêmica e pessoal, visto que o professor frequentemente a ameaçava, afirmando que a exporia caso relatasse os ocorridos a alguém do instituto. Marilyn nutria o desejo de se tornar uma pesquisadora de destaque em sua área de estudo e, por esse motivo, mantinha os assédios do professor em segredo, temendo que a divulgação do problema pudesse prejudicar suas futuras oportunidades acadêmicas e profissionais.

Ela também relatou que, ao compartilhar seu caso com pessoas próximas, foi alvo de risos e descrédito, com muitos desacreditando de seu relato e considerando um exagero tratar condutas online constrangedoras como violência. Marilyn enfatizou que se sentia profundamente culpada pelo ocorrido, mas reconheceu sua incerteza sobre como proceder diante daquela situação.

Se eu soubesse que esse cara [professor] tinha esse problema no IFPA, eu teria tomado três vezes mais cuidado, sabe? [...] Eu teria muito mais cuidado ao conversar e aceitar essas coisas [...] Quando eu denunciei ele [professor], as pessoas ficaram com ódio de mim e se revoltaram comigo (Marilyn, 2024)

Marilyn afirmou ainda que o professor possuía uma reputação marcada por incidentes de assédio, mas que não houve intervenção durante o período em que esteve na instituição, o que intensificava seu sentimento de culpa pelo que aconteceu. Ela destacou que todos tinham conhecimento das condutas do professor,

mas, ainda assim, ele gozava de elevado respeito entre servidores e estudantes da instituição. Marilyn expressa:

Eu já peguei muitos boletins de ocorrência na minha mão de meninas que denunciaram ele [professor]. Eu nunca vou esquecer, era uma menina de 16 anos na época, ele [professor] ofereceu R\$1.500 pela virgindade dela no estacionamento do IFPA, eu nunca vou esquecer esse boletim de ocorrência que eu li (Marilyn, 2024).

É evidente a ausência de medidas adequadas e de uma preocupação institucional para mitigar a problemática identificada no instituto. A cultura sexista perpetua e reproduz as violências de gênero, particularmente no que tange à impunidade e à minimização do problema. É perceptível que a instituição demonstra uma tendência a desconsiderar ou a não atribuir a devida importância à resolução de casos de assédio sexual envolvendo professores. Essa ordem sexista se manifesta como um essencialismo fundamentado na diferença sexual biológica entre os gêneros, o que contribui para a normalização e naturalização da cultura do assédio, promovendo condutas extremamente violentas contra corpos femininos (Bourdieu, 1998).

4.4.4. Performances e perfis femininos do assédio sexual

Durante a pesquisa, emergiram questionamentos acerca de como essas mulheres se percebiam em relação à sua identidade pessoal e como eram percebidas na instituição. Busquei compreender se elas se consideravam mais vulneráveis ao assédio devido a características estigmatizadas, como a condição socioeconômica desfavorável e a pele não branca. Esse tema despertou interesse, especialmente à luz de Bourdieu (1998), que afirma que a ausência de capital cultural entre mulheres que enfrentam assimetrias sociais as torna mais suscetíveis à subordinação masculina, em grande parte por não reconhecerem a violência simbólica em curso, o que perpetua a aceitação de sua própria subordinação.

Indaguei às interlocutoras se elas acreditavam que fatores como gênero, classe social e raça influenciam na ocorrência do assédio sexual, considerando que os resultados do questionário aplicado previamente às entrevistas corroboravam essa hipótese. As três entrevistadas concordaram com a questão e proporcionaram uma discussão sobre o tema. Joana afirmou "Sim [...] Nós mulheres ali no instituto,

nós nos sentimos muito fragilizadas" (Joana, 2024). A interlocutora Judith também endossa a problemática:

Sim, eu acredito que influenciam diretamente nessa prática [...] Me parece que ele [professor] tem mais liberdade de praticar essas coisas constrangedoras, invasivas, sexuais nesse ambiente online, porque ele sabe que essa vítima não tem como se defender. [...] Se for uma classe social mais baixa, que geralmente são pessoas periféricas, não vai ter como abrir uma ação judicial, pagar um advogado, ou então as pessoas simplesmente não irão acreditar nela, a voz dela não é ouvida na instituição e tudo isso provoca um grande medo nessa pessoa, que foi o que aconteceu comigo (Judith, 2024).

Ela também complementa:

Além da classe social, o recorte racial é importante, porque pessoas periféricas, mulheres negras, que geralmente já sofrem o racismo estrutural na instituição, já não são ouvidas, já passam como pessoas que não têm credibilidade (Judith, 2024).

A entrevistada Marilyn também argumenta:

Com certeza, até porque na época que aconteceu comigo [assédio online] eu não tinha fonte de renda fixa. [...] Ter algum tipo de renda mesmo que pequena era uma ajuda muito grande, e ele [professor] falava que se eu falasse alguma coisa [denunciá-lo] ele tiraria minha bolsa, e aconteceu quando eu falei (Marilyn, 2024).

Diante do exposto, é notório que o gênero exerce influência sobre a interação social entre os corpos, especialmente na percepção das pessoas em termos de seu status e impacto sobre os outros. Na estruturação da dominação masculina, observa-se que o homem tende a subordinar e objetificar corpos femininos que se enquadram em fenótipos socialmente oprimidos, como mulheres de pele não branca e majoritariamente de baixa renda, as quais são vulneráveis financeiramente. Esses elementos fazem parte de uma performance masculina de comportamento e

pensamento, na qual para se afirmar como agente atuante dessa dominação masculina, é necessário agir de acordo com uma estética que envolve a imposição de violência sobre o corpo feminino.

Para Strathern (2006), essa performance entre os gêneros é simbolizada por uma “troca de dádivas”, na qual o poder atribuído ao homem oferece vantagens sociais em detrimento dos corpos femininos. Mulheres com esses fenótipos e vivências consideradas marginais estão mais suscetíveis a sofrerem violência de gênero, visto que não se enquadram na estética associada a mulheres de alto status social, sendo percebidas como pertencentes a uma categoria inferior e, conseqüentemente, alvo de assédio por parte dos homens (Strathern, 2006). Diante desse cenário, aquilo que pode ser observado ou consumido representa o resultado das relações em si; assim, o gênero diferencia as categorias de socialidade e define diferentes formas de agência social, conferindo inerentemente superioridade a um corpo na troca em detrimento de outros, evidenciando-se "Através do que os melanésios percebem como aptidões dos corpos e mentes das pessoas, o que estes contêm dentro de si e os efeitos sobre os outros" (Strathern, 2006, p. 275). Dessa maneira, as pessoas operam continuamente entre serem o resultado das ações alheias e serem capazes, por sua vez, de agir em relação aos outros para se adequar à estética desejada.

5. CONCLUSÕES

Conclui-se que à medida que o ciberespaço evolui para um ambiente intricado de interações entre docentes e discentes, o fenômeno do “assédio sexual online” emerge como uma preocupação significativa, destacando as complexas interações entre gênero, poder e tecnologia. Identifica-se que, mesmo na esfera virtual, as raízes da violência de gênero estão presentes nas estruturas de poder da sociedade, sendo as dinâmicas de dominação, objetificação e desrespeito frequentemente perpetuadas sob a falsa sensação de impunidade aos assediadores. Isso não apenas impacta diretamente as vítimas, mas também molda a configuração da cultura online. Nesse contexto, observa-se a falta de medidas efetivas para lidar com o assédio, incluindo o suporte às vítimas e a responsabilização dos assediadores, como a demissão ou exoneração do professor envolvido. Isso ressalta

as dificuldades em punir casos de assédio sexual nas instituições educacionais, especialmente aqueles ocorridos no ambiente virtual.

A análise das entrevistas revelou que as mulheres assediadas não apenas enfrentavam a invalidação institucional, mas também estavam associadas a uma estética que reverbera o assédio sexual online. Notou-se que a maioria das vítimas pertencia a grupos étnicos minoritários e a camadas sociais economicamente desfavorecidas, sendo, portanto, percebidas como mais suscetíveis a essa prática. Essa dinâmica também influenciou de maneira significativa as denúncias de assédio.

No âmbito da análise linguística, no contexto do discurso dos assediadores investigados, identificou-se a projeção da violência de gênero no ciberespaço, evidenciando a maneira como os corpos femininos marginalizados são alvo desse tipo de agressão. Tal constatação se fundamenta na observação de elementos linguísticos presentes nos relatos analisados, os quais permitem compreender o contexto histórico e social das estudantes, assim como a forma como os professores se utilizam dessas fragilidades históricas para perpetrar o assédio. Isso ocorre sob uma perspectiva que considera a influência do patriarcado sobre esses indivíduos. É lamentável constatar que, no âmbito profissional, os professores parecem abusar de sua posição docente para objetificar e assediar suas alunas. Com o objetivo de mitigar os casos de assédio sexual online na instituição, foi desenvolvida uma cartilha instrucional destinada a orientar as alunas sobre a identificação de episódios de assédio sexual no ciberespaço, visando prevenir a recorrência dessa prática nas interações entre professores e estudantes do gênero feminino.

6. CARTILHA INSTRUCIONAL

A presente cartilha teve como objetivo promover a formação de uma consciência crítica e transformadora entre mulheres e meninas, por meio da iniciação científica, instruindo-as sobre o conceito de assédio sexual online, as razões que explicam a recorrência dessa prática no âmbito acadêmico, especialmente entre professores e alunas, bem como sobre as estratégias de prevenção ao assédio sexual no ambiente virtual.

Link de acesso à cartilha:

https://www.canva.com/design/DAGSC2gulAw/fN0OKVQrIMKhTCXJ7FyLKg/view?utm_content=DAGSC2gulAw&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=editor

7. AGRADECIMENTOS

Este estudo recebeu financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPG) do Instituto Federal do Pará, Campus Belém, por meio de recursos de custeio e bolsas de Iniciação Científica destinadas aos níveis de graduação e ensino médio integrado. Além disso, a pesquisa contou com o apoio do Ministério Público do Estado do Pará, responsável pela impressão e distribuição da cartilha nas escolas públicas de educação básica.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, B. R. O.; SOUZA, A. C. R.; BENTES, C. A. G.; SOUSA, J. F. L. Gênero e Poder no Ciberespaço: a dinâmica do assédio sexual contra estudantes do sexo feminino nas redes sociais online do Instituto Federal do Pará, Campus Belém. **Relatório Final de Pesquisa**, Edital nº 06/2023 - PIBICTI/PROPPG/IFPA/CNPq, Instituto Federal do Pará, Belém, 2024.

ALENCAR, B. R. O.; SOUZA, P. R. N. Educação, cultura e tecnologias digitais: um estudo sobre a mediatização no contexto escolar e os seus impactos sobre o aprendizado de estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Pará (Campus Belém). **Relatório Final de Pesquisa**, Edital 03/2019/PIBICT/PROPPG/IFPA/CNPq, Instituto Federal do Pará, Belém, 2020.

ALENCAR, B. R. O.; CARVALHO, J. P.; CARVALHO, C.; ALVES, W. B.; BRITO, M. V.; VEIGA, A. B.; BARBATOVCÍ-OLIVEIRA, M. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) aplicadas ao ensino: em busca de uma reconstituição histórica da Educação a Distância e seus impactos no Ensino Remoto Emergencial durante a Pandemia Covid-19 junto ao Instituto Federal do Pará, Campus Belém. **Relatório Final de Pesquisa**, Edital 05/2021/PIBICTI/PROPPG/FAPESPA-CNPq, Instituto Federal do Pará, Belém, 2021.

ALENCAR, B. R. O.; DIAS, E. B. C.; BARBATOVCÍ-OLIVEIRA, M. Parentesco, política e redes sociais: as relações familiares em grupos de WhatsApp no contexto das eleições presidenciais de 2018 e 2022. **Relatório Final de Pesquisa**, EDITAL n. 04/2022 – PROPPG/IFPA, Instituto Federal do Pará, Belém, 2022.

BRASIL. Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001. Altera Código Penal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF 16 mai. 2001. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10224.htm

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Cidade: Editora, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CARVALHO, Márcia Siqueira; MARTINS, Daiana Bragueto. Geografia Virtual. **GEOGRAFIA (Londrina)**, v. 12, n. 1, p. 427-440, 2003.

CONSELHO Nacional de Saúde. **Resolução nº 510/2016**. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Cidade: Editora, 2004.

LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Editora Sulita, 2023.

LINS, L. C. Assédio nas escolas. **Ninja**, 28/05/2020. Disponível em <https://midianinja.org/lianacirne/assedio-nas-escolas/>

LINS, A. B; MACHADO. F. B; ESCOURA. M. **Diferentes, não desiguais: A Questões de Gênero na Escola**. 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MACIEL, V. Casos de assédio sexual em escolas triplicaram no ES em 2021. **A Gazeta**, 8/4/2022.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MELO, G. C. S. **Assédio sexual na rede federal de ensino: reflexão e conscientização**. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - IFPI, Parnaíba, 2022.

Meu professor abusador. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100071438764857>. Acesso em: 19 de janeiro de 2024.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, F. M. **Violência de Gênero na Escola: abuso/assédio sexual e relações de poder**. 56 f. Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2016.

O LIBERAL, Jornal. **IFPA investiga suposto caso de assédio sexual no campus Belém**. <https://www.oliberal.com/belem/ifpa-investiga-suposto-caso-de-assedio-sexual-no-campus-belem-1.587442> . Acesso em: 03 de outubro de 2024.

SANTOS, M. Ex-aluna de escola em Pesqueira acusa professor de assédio. **Leia já**, 04/06/2020. Disponível em <https://www.leiaja.com/carreiras/2020/06/04/ex-aluna-de-escola-em-pesqueira-acusa-professor-de-assedio/>

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortex Editora, 2013.

SCOTT, F. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. New York: Columbia University Press, 1989.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. Editora Unicamp, 2006.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.